

ESBOÇO SOBRE AS VIRTUDES DO IR. BASILIO RUEDA GUZMAN

(Trabalho do Ir. José Flores García – 20 de fevereiro de 2004)

Introdução.

Em um mundo dominado pelo materialismo, individualismo, hedonismo, pela falta de solidariedade, e onde os valores da Igreja Católica são questionados, necessitamos modelos de santidade próximos de nós, que mostrem que é possível ser santo apesar do ambiente hostil a tudo que é espiritual e transcendente, que Cristo é hoje e sempre o centro de nossa vida, capaz de realizar plenamente as aspirações de qualquer ser humano de boa vontade.

A vida do irmão Basilio Rueda Guzmán foi um louvor ao Senhor, um hino à obra de suas mãos. Sua união com Deus rompeu os modelos do ativismo transbordante que nos invade e se projetou ao serviço dos seres humanos, apesar do egoísmo reinante. Sua vida espiritual foi um itinerário de uma progressiva entrega a Deus e a seus irmãos nos difíceis momentos posteriores ao Concílio Vaticano II, em vista à renovação da Igreja e da Vida Religiosa.

Um dia ele deu-se conta de que podia ser irmão Marista. Decidiu pôr mãos à obra para alcançar este objetivo, apesar das dificuldades para obter a permissão do seu pai, o que lhe custou longas horas de oração, de jejuns e lágrimas e de insistência junto à Santíssima Virgem a quem, desde sua primeira infância, professava singular devoção.

Alcançado seu objetivo, sua vida tomou o rumo da santidade, como dizia São Marcelino Champagnat: “Fazer-se irmão é comprometer-se a fazer-se santo”. Basilio levou muito a sério esta afirmação, e se esforçou durante toda sua vida para torná-la realidade.

Teve a graça de encontrar, desde seus primeiros anos de vida religiosa, um excelente diretor espiritual em um dos capelães da casa de formação de Querétaro, onde iniciou sua formação profissional.

Amor a Jesus Cristo

De acordo com seu diretor espiritual, tinha por escrito, em uma pequena caderneta, suas resoluções, entre as quais se encontram: “assemelhar-me, progressivamente, à imagem de Jesus, o que alcançarei amando sua pessoa, através de verdadeira obediência, de uma pobreza total e pela virgindade do coração, sob a ação do Espírito Santo. Quero que minha vida seja um grito de amor a Ti, que és meu Tudo. Que todo meu ser te diga, Senhor, que quero viver para ti, que te amo, porque és infinitamente amável, porque és imensamente digno de amor. Faz que eu compreenda plenamente esse amor, para amar-te mais e mais. Jesus, conduz-me até onde foram teus santos, mesmo que isso signifique imolação, humilhação, pobreza, em uma palavra, dor e cruz. Não me deixes entregue às minhas próprias forças, faz que eu seja todo teu, apossa-te de mim, acendendo-me em teu amor.”

Segundo o testemunho daqueles que o conheceram, o irmão Basilio era um enamorado de Jesus Cristo, insistia muito na busca de uma intimidade mais estreita com o Senhor, de tal maneira que em toda atividade que realizasse, Ele deveria estar presente. Era edificante vê-lo diante do Santíssimo Sacramento absorto em adoração. Em seu

diário do retiro de 1986 escrevia: “Tudo me leva a centrar a atenção e o amor na pessoa maravilhosa de Jesus, que desejo conhecer. Peço essa graça continuamente.”

Na peregrinação que fez à Terra Santa depois de seus dois mandatos como Superior geral, estando em Jerusalém, ele tinha o hábito de ir, acompanhado por um amigo sacerdote, ao Monte Calvário ou ao Horto das Oliveiras para rezar. Lá chegando tirava os sapatos, os colocava de lado e, de joelhos, passava longas horas, imóvel, em profunda contemplação. Dedicava uma hora de adoração por dia apesar do tempo limitado da sua agenda. Nunca deixou de ter sua hora com o Senhor. Não passava um dia sem participar da eucaristia, que era o centro do seu dia. Dizia: “As primeiras horas da manhã são para o Senhor”.

Quando estava no Movimento por um Mundo Melhor, na cidade de Quito, as Irmãs do Bom Pastor que atendiam a equipe coordenadora, diziam: “Antes do amanhecer ele já estava na capela, onde permanecia horas com Jesus e Maria.” Sua experiência de Deus era sua maior riqueza, e se percebia isso no trato com as pessoas, sem importar o credo nem posição social. Foi um homem de Deus, total discípulo de Jesus Cristo, enamorado do Evangelho. Um dia disse a um grupo de jovens: “Vale a pena viver por um ideal, e não existe um ideal mais apaixonante que Jesus Cristo”.

Em uma entrevista que concedeu para uma revista de vida religiosa expressou: “Um dia descobri que Deus tornou seu amor tangível na pessoa do seu Filho, e que Jesus Cristo é o beijo de amor e ternura que o Pai nos dá... nesse dia senti que Jesus se dirigia a mim de maneira particular, porque me fez experimentar a excelência do Evangelho”.

No retiro espiritual, durante seu ano sabático, escrevia em seu caderno de notas: “O Senhor me presenteia com uma das meditações mais belas da minha vida. É uma graça inefável. De cada verso surgem não somente torrentes de afeto e amor, como de luz, uma luz como nunca havia recebido em minha vida. Escuto o chamado, meu chamado, como um ato de ternura de Cristo. Porém, Ele não me toma para si, senão para enviar-me ao coração e aos rincões do mundo a gritar: “Consolação!”, mas com novo valor e nova forma. Compreendo agora o sentido exigente da minha consagração e do meu viver a alto preço, e da graça recíproca, também a alto preço.”

Homem contemplativo

Alguém que conhecia o irmão Basílio, porque havia trabalhado com ele, assim se expressava: “Sua união com Deus é um segredo entre ele e o bom Deus, mesmo que possamos descobri-lo em sua conduta e em seus escritos, assim como pela vida de comunhão fraterna que faz reinar no Conselho geral”. Com relação a suas inúmeras atividades, o irmão Basílio dizia depois de um retiro: “Isto me pareceu um pequeno paraíso de paz com seus longos espaços para a oração”. E a um irmão que se queixava de não ter tempo para a oração, lhe aconselhou: “Deixe-me dizer-te que não é tempo o que te falta, senão amor, e acrescentou: “Nada nos fará mais sensíveis ao mundo e às suas necessidades que ver com os olhos de Jesus, e para isso temos que levá-lo na mente e no coração”. Em outra ocasião dizia: Às vezes chego às quatro da manhã e penso que não vale a pena deitar-me por uma hora. Então vou à capela para um momento de oração.”

O irmão Basílio fez os Exercícios de Santo Inácio em Cuernavaca, em abril de 1986. O sacerdote jesuíta que o acompanhou, nos disse: “Meu testemunho é fruto de uma direção espiritual e de um íntimo contato durante trinta dias. Dois aspectos me impressionaram vivamente: o primeiro é o dom da oração. Sua participação na oração era profunda, original, sincera e espontânea. Evidenciava um homem possuído por Deus.

Jamais manifestou ter tido um momento de aridez ou de aborrecimento, senão o contrário. Seu recolhimento era tal que transparecia uma profunda familiaridade com Deus. Além disso, fez uma confissão geral tal que me deixou edificado, e me permitiu constatar quanto o Senhor havia trabalhado de maneira refinada a sua alma”.

Durante o mesmo retiro escrevia: “Rezo e me esforço e depois de uma meia hora vem uma rica contemplação. Os últimos cinquenta minutos são de uma grande união com o Senhor sofredor, na contemplação das suas terríveis dores. Muito me impressionou a atitude do Bom Ladrão... é maravilhoso acreditar em Jesus quando quase todos sucumbiram em sua fé.”

A vontade de Deus, sua grande preocupação

A oração do irmão Basilio não era uma bela verbalização ou momentos de profundo silêncio, senão uma busca ardente da vontade de Deus. Ele mesmo dizia: “Amar a vontade de Deus, nunca temê-la, porque sua vontade é amável, porque Ele nos ama”. Em outra ocasião comentava: “O mundo de hoje bate à porta do nosso Instituto, Deus quer que não a fechemos. Que a glória de Deus a honra de Maria sejam sempre nosso único fim e toda nossa ambição”.

Entendeu que o Reino de Deus é vida, é amor, é justiça. Muitos irmãos ficaram convencidos de que toda sua vida foi de trabalho e cansaço pelo Reino de Deus. Era um homem profundamente espiritual e com um forte sentido de Deus. Vivia em contínuo contato com Ele. Dizia em outra ocasião: “Deus não pode querer que busque a minha realização pessoal às custas do sacrifício do meu irmão. O que Deus quer é que nos amemos fraternalmente e que juntos nos santifiquemos”. No início de um retiro espiritual se propôs o seguinte: “Revisar minha vida segundo a vontade de Deus sobre mim; revisá-la segundo a resposta da minha vontade à vontade de Deus. Quero submeter totalmente meu querer à sua vontade”.

“Na escuta atenta à Palavra de Deus, dizia, surge o diálogo em íntima comunhão que faz brotar o veemente desejo de proclamar com a vida que Deus é plenitude de amor, e vale a pena dar tudo para possuí-lo; disso surge uma necessidade de busca apaixonada da vontade de Deus em uma generosa e imprescindível comunhão eclesial, no amor à verdade, para encontrar novos caminhos de evangelização. Acrescentava: Quem conheceu a fascinação do amor de Deus sabe que não se pertence... então já não ama outra coisa senão a vontade do Senhor acima do próprio eu, e esse desejo se transforma em disponibilidade absoluta”.

Em seu diário do retiro de Santo Inácio, escreveu: “Vejo que Deus está rondando para uma ‘rendição total’. É difícil colocar em um parágrafo tudo o que isso implica no processo da minha vocação, vida e retiro; trata-se de uma reorganização para conduzi-la verdadeiramente ao ápice. Pressinto que pode ser muito sério e comprometedor, porém sinto-me em paz. Se eu cair em uma armadilha, é a armadilha de Deus. O que poderia me acontecer de melhor? O que mais posso desejar?” Durante a sua última enfermidade e até o último momento não deixou de colocar-se a disposição da santa vontade de Deus: “Sinto-me em grande paz e completamente abandonado nas mãos de Deus. Não quero nessas circunstâncias outra coisa que a santa vontade de Deus par a mim. Ninguém me ama tanto como Ele e ninguém melhor sabe o que nos convém... eu sei que não existem mãos melhores do que as d’Ele, nas quais me coloquei. Não rezo por minha saúde, senão para que possa cumprir a vontade do Senhor até o fim”.

Alguém que o acompanhava nesses momentos nos conta: “Já em seu leito de morte, com uma resignação exemplar e o sorriso nos lábios, ele nos conduzia ao Senhor através do seu exemplo de entrega total à vontade de Deus.” Suas últimas palavras foram:

“Faça-se a tua vontade”, e aquelas de Charles de Foucauld, que tanto admirava: “Pai, me ponho em tuas mãos, faz de mim o que quiseres...” Anteriormente havia expressado de maneira resoluta: “A vontade de Deus, qualquer que seja, e que eu a aceite sem discussão, deve ser a última palavra e fonte de paz.”

Amor à Igreja

Falando de fidelidade dizia: “Temos que ser fiéis a Deus, à Igreja, à humanidade e a nós mesmo; não podemos falhar para com Deus”. Insistia com frequência: ser fiéis a Deus, ser fiéis ao Espírito, ser fiéis à Igreja. Ele não se limitava à comunidade marista, pelo contrário, incentivava os irmãos a integrarem-se nas três dimensões da Igreja: a paróquia, a diocese e a Igreja universal. A fidelidade à Igreja foi uma das suas características marcantes, e a expressava com uma convicção contagiosa através de suas palestras e conferência, da mesma forma que em seus escritos. Em uma ocasião escutaram-no dizer: “Se tivesse que salvar alguma congregação religiosa, eu salvaria em primeiro lugar a nossa, pela qual professo um amor profundo; porém, se para salva a Igreja tivesse que sacrificar alguma congregação, gostaria que fosse nosso Instituto, e que eu morresse e fosse enterrado com ele”.

Durante muitos anos serviu diretamente a Igreja através do Movimento por um Mundo Melhor, e depois na União dos Superiores Gerais. Trabalhou também, ainda que esporadicamente, seja em algum assunto particular, participando do Sínodo da família, ou como consultor da Sagrada Congregação dos Religiosos. Um dos Superiores gerais assim se expressava: “O irmão Basílio foi um apoio e uma garantia para todos aqueles que desejavam a renovação da vida consagrada, seguindo as orientações da Igreja. Fiel administrador dos dons de Deus, foi verdadeiro discípulo de Cristo em sua Igreja. No Sínodo da Família expressou algo que chamou fortemente a atenção; Creio que devemos escutar. As famílias têm muito a nos dizer”.

Foi dito que o irmão Basílio abraçou, em seu trabalho evangelizador, no mundo e na Igreja, muitos campos de apostolado: os sacerdotes, os religiosos; porém teve especial predileção pelos leigos nas diversas organizações com as quais teve contato. Por ocasião da morte do irmão Basílio, o presidente do Movimento por um Mundo Melhor dizia: “Lembro-me dele com carinho por seu amor à Igreja, por seu amor a seu Instituto, por sua lealdade e sinceridade, sua coerência e sua bondade e sua abertura a toda novidade do Espírito e à renovação da Igreja.”

O bispo de Velletri se expressava assim a respeito do irmão Basílio: “Eu sabia que era um autor seguro na vida espiritual e ascética, e lia com satisfação seus livros sobre a oração, sobre a comunidade religiosa, sobre a caridade fraterna, tirando deles luz, consolo e proveito espiritual.”

Durante uma conferência, um dos assistentes dizia: “Eu estava encantado. Tínhamos diante de nós um homem que sentia uma verdadeira paixão pela Igreja, pela vida religiosa e por sua congregação religiosa.” E o mesmo irmão Basílio expressava: “Cada dia encontro mais sentido para viver a vida que abracei e maior adesão ao Instituto, o qual sinto muito vivo dentro de mim, da mesma forma a Igreja, que amo cada dia mais.”

Amor a seus irmãos

Se existe um ponto de referência para falar do irmão Basílio de maneira unânime, esse é o seu amor a seus irmãos de comunidade, e qualquer fiel cristão ou não cristão,

que se encontrasse em seu caminho. Amava a todos de maneira concreta, e cada um se sentia amado como se fosse único. Usava todos os recursos quando se tratava de ajudar a alguém. A preocupação pela saúde de todos pode ser qualificada de maternal, e não estaria exagerando. Possuía, em um grau que raramente se pode encontrar, o amor ao irmão, capaz de morrer para salvá-lo, entregando-se ele mesmo, como o fez Jesus. Sua grande delicadeza o levava a aproximar-se de todos, sua caridade se traduzia em compaixão. Estava sempre atento para prestar ajuda e dizer uma palavra de consolo. Alguém se expressou assim: “Descobri o homem em quem pude confiar plenamente sem ficar decepcionado, o qual compreende, apóia e sabe colocar-se em meu lugar.”

Os irmãos mais idosos recordam sempre sua ternura e delicadeza, os jovens sua grande compreensão e apoio mesmo que não estivesse de acordo com a conduta deles. Depois da reeleição como Superior geral para outros nove anos, disse aos irmãos capitulares ao terminar o Capítulo: “Digam a todos os irmãos que os amo, e que vou me entregar ao seu serviço com todas as minhas forças”.

Servia seus irmãos com um sorriso nos lábios, sem dar-lhes a sensação de ser servidos. Nunca dava mostras de desatenção, nem deixava de interessar-se pelo que lhe era dito ou confiado, permanecendo à disposição de todos todo o tempo que fosse necessário. Seu estilo fraterno de acolher e a doação de si mesmo não eram episódios esporádicos, mas um modo natural e comum de agir.

Sentia uma grande preocupação pelos irmãos que estavam em crise vocacional e vinham pedir dispensa dos votos. Antes que o processo fosse encaminhado para os trâmites no Vaticano, o revisava com o Procurador junto à Santa Sé. Ao irmão lhe fazia a seguinte pergunta: “Deseja continuar sendo irmão?” Se a resposta era afirmativa e sincera, ele movia céu e terra para dar ao irmão a possibilidade de refazer sua vida, oferecendo-lhe todos os recursos psicológicos, de orientação espiritual ou cursos de oração e acompanhamento.

Um dia quando estava de passagem por uma cidade da Espanha, tomou conhecimento de que a prima de um irmão já falecido e que ele havia conhecido estava doente com câncer. Pediu para que o levassem para visitá-la. A doente ficou tão confortada com a visita que não teve palavras para agradecer-lhe tal delicadeza. Em outra ocasião, sendo mestre de noviços em Morelia, recebeu e atendeu um homem de Chiapas durante sua reabilitação, cumulando-o de atenção e afeto. Durante uma visita aos irmãos de Nairobi visitou um leprosário mantido por algumas religiosas. Ali havia uma mulher sem mãos nem pés, além de ser cega e surda. Foi-lhe pedido que cantasse na presença dos visitantes, o que ela fez, agradecendo os dons de Deus. O irmão Basílio, profundamente comovido, a abraçou e beijou. Um irmão nos conta: “Tínhamos deixado o segundo noviciado, na Espanha, indo em direção a outra cidade durante a noite, quando encontramos um homem ferido no acostamento da estrada. O irmão Basílio pediu ao motorista para que parasse e o levássemos para casa, onde ficou até que se recuperasse. Três dias depois, esse senhor retorna para sua casa”.

Antes do XIX Capítulo Geral o irmão Basílio voltou à África em viagem de solidariedade. Em uma comunidade dos irmãos da Tanzânia curou um menino que estava coberto de feridas na cabeça, devido a uma infecção. Esse menino, que antes não havia se deixado tocar por ninguém, o irmão Basílio, mesmo desconhecendo a língua nativa, conseguiu que ele o deixasse curar. Todos os dias, durante o tempo que permaneceram naquele lugar, assumiu a tarefa de cuidar das feridas com carinho e delicadeza.

Um homem de um grande espírito de Fé

Em um grupo ecumênico do qual participava o irmão Basílio na cidade do México, alguém assim se expressou sobre ele: “Dialogava nos termos dos seus interlocutores, impressionava aos não crentes do grupo pela maneira como apresentava a fé, porém, sobretudo, era convincente por seu testemunho e pela maneira como falava da relação com Deus”. A fé do irmão Basílio foi como uma rocha firme sobre a qual sentou as bases e construiu o edifício da sua vida espiritual. Era dessa fé que brotava o amor que se manifestava em sua ação e no calor das suas palavras, na sua oração, na sua adoração ao Santíssimo Sacramento, porém, especialmente, na celebração da eucaristia.

Sua vida de oração, sua profunda confiança em Deus e seu grande amor a Maria Santíssima, a paz e a alegria e o magnífico acompanhamento a seus irmãos, eram provas da sua fé. Não era raro encontrá-lo na capela diante do Santíssimo, simplesmente, numa adoração admirável. Nos momentos mais difíceis da história do Instituto, sua fé inquebrantável na providência o manteve a frente dos seus irmãos quando eles mais necessitavam.

Queria que todos os irmãos vivessem na paz, porque dizia que não é possível servir verdadeiramente a Deus senão na alegria e na fé. Insistia: “É possível ser fiel!”. E assim foi ele: fiel, santo, alegre e brincalhão.

Seu espírito de fé e sua grande confiança na providência eram transparentes. Acreditava firmemente na eficácia da oração quando se tratava da missão garantida pela obediência.

Era um homem de fé profunda que se mantinha sereno diante dos irmãos que deixavam a vida religiosa, dos erros e impaciências de muitos outros que queriam reformas imediatas depois do Concílio. Mesmo diante do que representou o abandono da terça parte dos irmãos da Congregação enquanto durou seu governo, permaneceu inquebrantável e se manteve sempre com o mesmo entusiasmo, seguro de que a obra de Deus continuaria, apesar das tempestades. Esse foi um período difícil para a Igreja e para muitas congregações religiosas, e a nossa não foi uma exceção. O irmão Basílio não se deixou abater e pôs em marcha o que ele mesmo chamou de “processo de refundação do Instituto”.

Um homem de grande fortaleza

Basílio mostrou sempre seu equilíbrio diante das vicissitudes dos tempos, com a confiança sempre posta na providência. Sua profunda vida interior lhe permitiu afrontar com serenidade mudanças de tantas almas afetadas pela insegurança dos momentos difíceis. Vivia sua vida sem deixar-se arrastar pelos problemas dos outros, ou da sua própria congregação. Nunca se desanimou ao constatar a constante diminuição do número de irmãos. Apesar da grande carga de trabalho e responsabilidades, jamais alguém o viu alterado; a serenidade era como a sombra da sua pessoa, era como um amigo que caminhava ao seu lado.

Estudar, rezar, descansar, escutar música, lavar pratos, jogar cartas, planejar viagens; tudo isso fazia com plena consciência, vivendo intensamente cada momento e atendendo as pessoas. Unia a doçura à força, a prudência à audácia, o respeito às sãs tradições com criatividade, não somente quanto às estruturas, mas também na concepção da vida espiritual e na organização do Instituto.

Qualquer um que tenha vivido com o irmão Basílio sabe bem que jamais se deixou vencer pela fadiga ou enfermidade. Dava a impressão de que a dor e o sofrimento

lhe eram naturais. “Porém, para mim, disse um irmão que o viu em seu leito de dor, foi insuportável notar o sofrimento que se refletia em seu rosto, apesar dos esforços que fazia para controlá-lo.”

Durante sua enfermidade, o irmão Basílio dizia que os momentos mais difíceis eram a hora de rezar as orações, devido aos medicamentos e às sondas. No entanto, oferecia suas dores pelo Instituto, pela Igreja que tanto lhe havia dado, e por seus noviços.

Um homem prudente.

Quando foi delineada a possível reeleição durante o XVII Capítulo geral, o irmão Basílio falou, a partir de Roma, com seu médico pessoal que residia em Madri, para saber se seu estado de saúde permitiria enfrentar um segundo período. O médico nos conta o que aconteceu naquele momento. “Falamos demoradamente e ele me perguntou: você acredita que fisicamente eu esteja bem? Disse-lhe: evidentemente que sim!” E terminou seu segundo mandato sem maiores problemas. Continua o doutor: “Se houvesse lhe dito que não, de qualquer maneira ele haveria aceitado, porque ele se sacrificava por todos e estava sempre disposto a servir, uma vez que a confiança depositada na sua pessoa lhe pesava muito”.

Mesmo tendo havido no Instituto uma polarização devido às novas correntes de renovação, nunca houve confrontação de grupos. O segredo da calma esteve no grande sentido de otimismo, confiança e fortaleza do irmão Basílio, mesmo nos piores momentos.

Era um homem que antes de dar uma resposta, já havia falado com Deus e aceitado o ponto de vista alheio, mesmo que nem sempre estivesse de acordo. O contato com a sua pessoa conduzia à oração, e a oração conduzia à verdadeira ciência que vem de Deus.

Foi um homem respeitoso da consciência dos demais. Aos irmãos missionários na África, nos tempos mais difíceis da guerra, os deixava em completa liberdade de decidir ficar ou voltar ao seu país de origem. Em situações complexas sabia aplicar os princípios da mora e do discernimento. Era um guia preciso e claro e desejava que os superiores regionais fossem iguais. Sabia reunir três aspectos difíceis do governo: o respeito à pessoa, a exigência da vocação religiosa e o serviço da autoridade na tomada de decisões. Com sabedoria, paciência e simpatia abordava todos os assuntos e buscava a melhor solução.

Soube evitar escolhas extremamente perigosas, como seguir uma linha de ação excessivamente conservadora e perder o controle, ante a abertura que permitiria novas experiências que provocaram ruptura e confusão. Sua capacidade para informar-se e solicitar informação, ajuda e conselho oportunos, o manteve em contato constante com o Conselho geral. Nunca houve precipitação em suas decisões, e se por causa da deficiente informação ou má vontade das pessoas tomava alguma decisão pouco correta, a corrigia e, se fosse preciso, pedia desculpas.

Sabia colocar cada um diante de suas próprias responsabilidades, chamando-o a uma vida séria e madura e ao cumprimento dos votos. Sabia fazê-lo com as palavras e com o exemplo e sempre em vista de encontrar soluções.

O irmão Basílio viveu e morreu como timoneiro, como capitão de mão firme e alma bondosa. Soube porque e para quem vivia, para que e para quem trabalhava, e em nas mãos de quem morreu.

Um homem humilde

Apesar da sua capacidade organizativa, de seus grandes conhecimentos, do seu prudente discernimento e da admiração das pessoas, o irmão Basílio sempre conservou seu coração simples, modesto e humilde. “Sua humildade, disse alguém que conviveu com ele em um retiro espiritual, foi uma constante, o mesmo que sua vida de oração. Tinha diante de mim um homem excepcional, e entretanto, era muito natural e simples. Era um homem simples e transparente. Constatei seu grau de humildade como um matiz muito fino que o Espírito Santo havia trabalhado na sua pessoa”.

A simplicidade do irmão Basílio o levava a fazer coisa que ninguém ou muitos poucos esperavam de um Superior geral, como lavar a própria roupa, lavar pratos, limpar o quarto, carregar as malas, servir a mesa.

Não era estranho vê-lo dedicado aos trabalhos da casa. Tinha um grande sentido da pobreza evangélica, e era exemplo de uma atraente simplicidade. Dizia que era pouco concebível que uma comunidade marista passasse o Natal ignorando os pobres. Durante um dos seus aniversários lhe ofereceram um gravador para que estudasse inglês. Amavelmente e com simplicidade o recusou dizendo que, na verdade, não necessitava de semelhante instrumento. Pessoalmente se preocupava para que a ninguém faltasse o necessário, e mesmo o conveniente.

No irmão Basílio o voto de pobreza era o resultado da síntese dos outros dois. Como Cristo e como Maria se despojou de tudo para o bem dos demais. Contentava-se com o estritamente necessário. Era um exemplo para todos e um testemunho da verdadeira “sequela Christi”.

Um sacerdote que o conheceu, assim se expressou sobre ele: “Alguém me disse que se pretende introduzir sua ‘causa’. Eu nunca havia pensado, porém creio que sim. Não tenho a menor dúvida de sua santidade, uma vez que cumpriu sua missão com toda naturalidade, com um amor imenso à Igreja, com grande responsabilidade e sentido de Deus”. Outro acrescentou: “A idéia que tenho dele é de um homem totalmente centrado em Deus, simples, sem nenhum desvio. Nunca havia encontrado tanta integridade e tanta entrega. E meu pensamento e em meu coração não há nenhuma dúvida: era, certamente, um santo”.

Um bispo que conheceu o irmão Basílio, em Roma, se expressava diante de um grupo de irmãos estudantes: “Vocês têm, na pessoa do irmão Basílio, um homem fora do comum. Sua vida é uma riqueza em toda a história dramática da Igreja e do Mundo pós-conciliar. O irmão Basílio é um testemunho cabal de vida cristã da segunda metade do século XX. Além disso, vocês têm seus escritos, que são uma riqueza de vida religiosa e espiritual”.

Amor à Santíssima Virgem

Desde pequeno o irmão Basílio se distinguiu por uma terna e filial devoção à Santíssima Virgem. Nas casas de formação, seu amor à Boa Mãe, encorajado por alguns de seus formadores, tornou-se notável. Durante a celebração do Ano Mariano de 1954, sendo diretor da casa de formação, organizava com os aspirantes à vida religiosa, “círculos de estudos” para conhecer e amar mais a Virgem Maria. Durante seus de apostolado nos Cursilhos de Cristandade, dava palestras sobre a Santíssima Virgem, e o fazia de tal forma que deixava seus ouvintes agradavelmente impressionados. Sendo

Superior Geral, motivava todos os irmãos a permanecerem fiéis às tradições marianas do Instituto.

Tinha uma excelente visão da Santíssima Virgem a partir de um apaixonado cristocentrismo. Sua circular *Um Espaço para Maria*, foi escrita com o coração filial e foi como a alma coletiva do irmão marista para com ela, “*quem tudo fez entre nós*”, como disse o Santo Fundador, Marcelino Champagnat.

Encarregado do Movimento Champagnat da Família Marista, pôs todo seu empenho para que a Boa Mãe fosse conhecida e amada por aqueles que queriam partilhar a espiritualidade marista no modelo de Nazaré.

Em seu diário dos Exercícios espirituais de Santo Inácio, escreveu: “À noite, doce oração mariana. Um rosário ‘pelos meus’ e outro por este renascimento mariano e pela graça de falar de Maria aos irmãos no dia 17 ou 18”. Em outro parágrafo diz; “Depois da ceia, o Ofício e, em seguida, caminhando, a oração com Maria, o rosário, lentamente rezado, ainda que seja noite e esteja cansado, constituem um belo momento espiritual”.

No encerramento do Capítulo Geral, por unanimidade, foi escolhido para fazer a consagração da Congregação Marista à Santíssima Virgem. Compôs uma bela oração que comoveu a todos os Capitulares e a recitou em frente à estátua de Maria.

Conclusão

Não há dúvidas de que um homem que para induz à generosidade, que desperta admiração, não pode menos do que provocar comentários laudatórios: que foi um profeta do seu tempo, que foi um intelectual de grande inteligência, que seu coração magnânimo não conheceu fronteiras; um homem completamente senhor de si mesmo, um místico na ação, Superior Geral excepcional, homem simples, transparente, um homem com grande sentido do humor, de uma espiritualidade sólida e segura, irmão simples que mesmo tendo recebido doutorado honoris causa, com alegria e grande espírito de serviço se colocava à frente para lavar pratos ou pegava a vassoura para varrer. Uma vida comum, feita da vontade de Deus e santificada pela graça divina. Essa foi a vida do irmão Basílio.